

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 »
Fôra do reino acresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—R. DA PRAÇA

Proprietario e Editor

ANTONIO MENDES DE VASCONCELLOS

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e comunicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Anuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 8 de abril

QUE CONTRASTE!

Segundo a peremptoria declaração do snr. Ministro da Fazenda, feita a instancia do illustre chefe do partido regenerador na Camara dos Pares, o contracto para a conversão das obrigações e prorrogação do exclusivo dos tabacos até 1926, foi assignado no dia 4 do corrente mez.

São já decorridos dias, e sem embargo do snr. conselheiro Hintze Ribeiro ter feito o respectivo titular da pasta da Fazenda Juiz da conveniencia de dar explicações sobre o assumpto, nem o governo nem os jornaes officiosos se resolvem a dizer ao paiz as bases capitais de tão momentoso assumpto. O contracto provisorio será presente opportunamente ás camaras, respondeu o snr. Espregueira, e por isso nada posso dizer, não obstante já se achar fechado e assignado. A camara dos snrs. deputados demora alguns dias a constituir e na dos Pares só haverá sessão no dia 12. No interregno muito tempo ha para a conclusão das negociações e para os ultimos e definitivos retoques em pról do paiz, infelizmente representado na solução d'este importante problema pela companhia dos tabacos e pelos seus banqueiros.

Que contraste! O governo progressista nega-se a dar explicações ao publico e ao parlamento sobre um contracto que prende a atenção publica e do qual depende o nosso resurgimento financeiro, ao passo que o regenerador, fechando um contracto em 16 de julho, já em 18, primeiro dia util, dava pela sua imprensa officiosa as mais amplas declarações das suas bases e, aberto o parlamento, apresentava-o á camara dos snrs. deputados acompanhado de todos os documentos elucidativos. Não se envergonhou do seu contracto consoante parece estar succedendo, com taes reservas, ao governo actual.

Tudo leva a crêr que no contracto ha verdadeiras surpresas

que convém occultar até á ultima hora.

O *Noticias de Lisboa*, increpando este facto anomalo, mostra quão irregular, incorrecto e contradictorio com o que affirmára, fôra o procedimento do governo e revela as suas incoherencias affirmando os seguintes factos:

1.º Que o actual governo, tendo declarado que não faria conjunctamente as duas operações, as realisa ambas n'um contracto só, bipartido, mas conjugado por fórma a serem as duas partes solidarias; o que é espezteza que não illude ninguém.

2.º Que declarando que abria concurso para as operações a realizar, o governo fez, desfez, refez e por fim não fez tal concurso; concluindo á porta fechada, á porta trancada, á porta aferrolhada, as negociações, como quiz e com quem quiz, recusando-se até a tomar conta de propostas que lhe eram dirigidas, declarando estar ultimado o que, ainda hontem, dizia estar por accordar em alguns pontos! E isto tão mysteriosamente que ainda hoje se não sabe o que se fez, apesar do discurso da Corôa declarar que está feito!

3.º Que em relação ao exclusivo, o governo acceitou, afinal, uma proposta inferior ás que lhe eram dirigidas.

4.º Que tudo se fez á surdina; e que se, finalmente, o governo se resolveu a apresentar o contracto ao parlamento,—apesar da declaração do sr. Espregueira em 1899 contra a qual protestou o *Correio da Noite* ainda em outubro do anno passado, clamando que a lei de 1889, nem qualquer outra, auctorisava o governo a ir além da estricta conversão das obrigações em circulação,—foi unicamente porque os tomadores do emprestimo declaram:

a) que sem lhe ser dado o exclusivo, não fariam a conversão.

b) e que, portanto, não havendo lei que auctorisasse a concessão directa e definitiva do exclusivo a qualquer empresa, se não queriam sujeitar a ficar obrigados á conversão por um contracto definitivo, sem que primeiro, ou conjunctamente, se lhe tornasse definitiva a concessão do exclusivo.

Sem isto, não teria o parlamento de apreciar a operação da conversão, pois que o intuito do governo era, manifestamente, realisar-a invocando a lei de 1899, sem embargo das declarações em contrario do *Correio da Noite*, apresentando ao parlamento, como aqui dissémos, como provisorio, tão sómente o contracto relativo ao exclusivo.

Cartas a um Sabio

«adentro d'estes muros (do seminário) só encontrarás a intriga, a venalidade, o erro...»

Antonio Valente.

«Discussão, 5-3-906».

Philosophia obitèr libata a Deo abducit, pleniter hausta ad Deum reducit.

Bacon.

A pouca sciencia afasta de Deus; a muita sciencia conduz a Deus (versão livre).

IV

Desbastado, por assim dizer, o espirito do seminarista, pelo cinzel da sciencia humana auferida no seminário de preparatorios, lá vae, após um hiato de tres mezes de férias, para o seminário de theologia o rapaz, levando na bagagem das suas convicções as verdades bem deduzidas e demonstradas de que ha-de fazer uso no decurso do seu estudo theologico.

Admittindo a immortalidade da alma, mas uma immortalidade consciente e individual e não aquella immortalidade de que se orgulha a metempsichose e que se reduz a transmigração das almas nos mundos celestes, especie de fusão inconsciente no grande *todo cosmico* (*); admittindo a existencia d'um Deus livre e providente (que não um Deus de papellão, independente do universo e coarctado nos seus actos a ponto de não poder intervir na gerencia da obra que sahira do seu *fiat* creator, como pretende o deismo (*); admittindo a criação do mundo e a liberdade humana, está aberto o caminho e applanado o terreno para se poder fazer o estudo methodico e racionado da nossa fé.

Obtidos estes conhecimentos á luz da razão, o estudante pesa-lhes todas as consequencias, põe-n'as em paralelo com as verdades reveladas e quanto mais perfeita fôr a harmonia entre estas e aquellas, mais perfeito é o grau da sua fé. Pôde então olhar mais ao largo; devassa novos horisontes, conjuga a razão e a fé, desenvolve mais aquella e methodisa melhor esta.

Mas deixemos voejar só a razão; vejamos até onde ella nos pôde conduzir.

Norteados simplesmente por ella o homem chega a descobrir a necessidade d'uma religião que lhe satisfaga as aspirações da intelligencia e do coração. A intelligencia, isto é, o olhar da nossa alma aberto á luz,

(*) Desculpe-me o auctor das «Lições a um crente» a irreverencia do t em *todo cosmico*.

(*) Teve origem na Inglaterra com Herbert de Cherbury, e foi seguido por Toland, Woolston, Tindall, Morgan, Chubb, Bolingbroke e outros. Os philosophos francezes converteram o deismo britanico no mais crú materialismo.

procura a verdade que é o seu alimento e a sua vida. E a intelligencia n'esta necessidade de luz, n'este desejo, n'esta fome da verdade, desequilibra-se e perde-se, se se atêm á verdade puramente scientifica, a essa verdade que é a conclusão de premissas mysteriosas, como a mesma sciencia. A verdade scientifica evoluciona-se como se evoluciona a sciencia; evoluciona como evoluciona os processos puramente humanos.

E' lei do progresso.

O que Plinio defendeu como uma verdade da sciencia do seu tempo, passou para o catalogo dos erros e dos defeitos na idade-média; o que era um erro na idade-média transformou-se em verdade no tempo da Renascença; o que nos ensinou a Renascença como certo é hoje uma utopia, um sonho, um erro; o que é hoje um dogma na sciencia experimental será no seculo XXI, talvez, aquillo que para nós é hoje o *facto da geração expontanea* nos dominios da Biologia, geração essa defendida desde Aristoteles até aos sabios do seculo XIX, nos quaes encontrou accerrimos defensores na pessoa de Pouchet, Joly, Fremy, Trécul e Haeckel, até que o grande sabio inglez Tyndall, e sobretudo Pasteur, deram o golpe mortal na geração expontanea por meio das suas curiosissimas experiencias.

Portanto a verdade scientifica, sendo mutavel e variavel, não satisfaz de modo algum ás necessidades e aspirações da intelligencia e do coração humano.

E logo que fallo no coração, onde, simbolicamente fallando, a crença da humanidade inteira colloca o amor (*), poderei accrescentar que as aspirações d'essa parte animadora, até certo ponto, do corpo humano, aspira e busca, em toda a parte sempre, um não sei quê de vago e abstracto que não acha sobre a terra. Um padre da *Notre Dame*, o rev.º padre Felix, falla assim: «ama o coração, como os pulmões respiram, e a respiração d'aquelle é amar e ser amado.

Mas, o amor porque este coração clama, não é um amor qualquer, mas um amor pleno, um amor illimitado, n'uma palavra, o Infinito no amor.

O que faz a tristeza, para não dizer o desespero do nosso amor, é sentir por toda a parte e em tudo, o limite no que amamos. Trasladei para aqui esse *naco* da prosa sublime do padre Felix, porque eu não exprimiria, como elle, este sentimento que eu e todas as almas sinceras sentem no imo do coração.

A intelligencia e o coração necessitam d'uma verdade plena e

(*) Segundo as sciencias physiologicas a sede do amor está no cerebro e não no coração. A recta razão deve perflhar a sciencia n'este particular.

m amor sem limites, que não de ser senão Deus.

Conhecida esta tendência, esta necessidade que nos arrasta para Deus como nosso fim... d'ahi a necessidade de investigarmos os meios aptos para o atingirmos.

O conjunto d'esses meios, ou d'essas relações forçadas com Deus, é a *Religião*.

Eis outro factor que a razão nos descobre.

Se o snr. Valente lhe quizer chamar: «a expressão do sentimento religioso innato ao homem», pouco me importo com palavras e accrescento: — eis a *religião natural*.

São estes os erros anti-racionais que ensinam no Seminário!

Mas não é só a intelligencia, o coração e a vontade que inclinam o homem para o seu fim sobrenatural e portanto, immediatamente para a *Religião*. Esta é uma das condições da civilisação! E digo e prove-o, snr. Valente, não tenho medo. A religião é um elemento, e um elemento poderoso, da civilisação. Não saio do campo da razão, que é o mesmo que dizer, da philosophia.

O que é a civilisação? Eis aqui uma palavra das taes que é mais facil empregar que definir. Uns chamam-lhe progresso. Estamos na mesma! Outros, e estes aproximam-se mais da verdadeira definição, chamam-lhe *melhoramento simultaneo* na arte, litteratura, commercio, industria, etc.

Mas civilisação, no dizer d'um sabio, não é mais do que «um encontro de forças que devem combinar-se mutuamente para constituir equilibrio».

Devemos notar que, se se retira uma força qualquer a um systema de forças em actividade simultanea (são regras elementares da *Estatica*) se destrõe logo o equilibrio e... a civilisação esphacela-se.

Ora todos reconhecem uma força activa na Religião; enquanto esta influe na estabilidade d'esse systema de forças ergo, snr. Valente, a Religião não é um entrave ao progresso e á civilisação. Portanto todos os homens podem, sem vergonha defender e confessar o credo da religião que melhor tenha realisado o seu *desideratum* atravez das gerações. Mas não se compadece com o minguido espaço d'um jornal, discutir este como immensos outros assumptos que se vão relacionando com a questão que defendo, ou melhor, que apresento, n'estas cartas.

Admittida a necessidade d'uma religião necessariamente temos necessidade de inquirir qual é a verdadeira entre tantas que se dizem verdadeiras; qual a que melhor se harmonisa com as nossas faculdades e da qual devamos ser filhos. E' ainda a razão que faz este estudo comparativo. Servir-lhe-ha a religião puramente natural, vária como o desenvolvimento intellectual do individuo?

Conformar-se-ha com ella a religião dos chins, dos indus, dos persas, dos egypcios do paganismo grego e romano? Que garantias lhe offerecem o brahmanismo e o budhismo, com o seu brahma ou com o seu Chakya-Muni? Que assenso póde tirar-se á nossa razão com o Koram fatalista de Mahomet na mão? Quem hoje se curva deante dos ritos e cerimoniaes da religião judaica?

Resta-nos a religião christã (*) sublimada na sua doutrina, promotora

do progresso, redemptora das sociedades exaustas e decahidas. Tudo isto nos diz a razão. Mas não se poderá esta enganar? E enganando-se ella não póde trahir a consecussão do seu fim? D'aqui a necessidade d'uma revelação mediata ou immediata de Deus que nos enverede pelo caminho que leva ao fim. Bem sei que isto póde parecer, ás intelligencias superficiaes e orgulhosas do seu saber, pouco racional e portanto sem valor. Um distincto romancista (*) da vida de Jesus, Renan disse: *A lei da historia é que não ha milagres; a lei da philosophia é que não ha mysterios; a lei da sciencia é que não ha sobrenatural*, e portanto não ha revelação divina. O melhor methodo de discutir para averiguar a verdade d'um facto é negal-o *a priori*! Pobre sciencia, em que mãos andas mettida!

Eis os erros que ensinam no seminário: possibilidade do milagre (Rousseau tambem cahiu n'esta heresia, contado: *Emile* iv. *Profession de foi du Vicaire Savoyard*); necessidade moral da revelação; existencia objectiva do mysterio.

Ensinam tambem verdades de pura fé, mas baseada no Evangelho (depois da razão provar a autenticidade e veracidade do que elles narram); prova-se no Seminário, contra Renan, Strauss, Harnack (este ultimo pertence ao protestantismo racionalista avançado) Albert Reville e muitos outros a divindade de Jesus. Effectivamente toda a chave do dogma catholico, toda a economia da Igreja tem o seu fulchro na divindade de Jesus.

D'ahi a necessidade que o snr. Valente teve de estudar este assumpto antes de se pôr a discorrer sobre as verdades que a Igreja nos ensina.

«Quando se escreve sobre os senhores de Ninive, ou sobre os Pharaões do Egypto, póde-se não ter mais que um interesse historico; mas o *christianismo é um poder de tal forma vivo e a questão das suas origens implica tão tortes consequencias para o presente mais immediato, que seria necessario lamentar a imbecilidade dos criticos que sobre estas questões tivessem apenas um interesse puramente historico*». E quer saber quem é o jesuita que falla assim? Aquellas palavras são do grande e, diga-se a verdade, do profundo racionalista allemão — Strauss (*).

Mas o mysterio, santo Deus, fecha-nos a porta do christianismo á razão! Tudo será assim, mas os mysterios, os dogmas, o Espirito Santo... tudo nos suicida o pensamento! São cantigas e mais nada: pois não ha, na evidencia da fé, toda a evidencia prévia da razão? A luz da fé não principiou por ser uma luz racional? Não foi para obdecermos á razão que nos submettemos á fé? Não foi a razão que proclamou antecipadamente o dever imperioso da fé? Não foi a razão que forneceu á fé a sua base juridica? Oppôr a razão á fé, é oppôr a razão á razão!

E' demais e o candieiro a cuja luz vou escrevendo já me ameaçou com as trevas!

Pois o pobre está já secco como a bocca d'um prégador ao descer do pulpito; impossivel é, pois, puchar mais as orelhas a esta carta. Mas está aqui um rabujento d'um velho que quer tambem metter o *bedelho* no assumpto. E como deve-

mos respeitar *as vontades dos velhos*, venha lá elle dizer tambem da sua justiça. O velho é o respeitavel Tertuliano. Falle, pois, snr. Tertuliano e ponha ponto final n'esta *carta-monstro*: «O maior inimigo que tem a Igreja, é não ser bem conhecida». E tem razão o bom do velho!

Abril, 1905.

Augusto Moreno.

IMPRESSÃO

A Procissão ia na rua. Sobre o andor lindo e florido destacava-se a Veneranda Imagem. Oscillavam as capas roxas, como enormes violetas voando no espaço; e a musica, n'um melancolico acompanhamento, parecia cantar no seu rosario de melodias as penas crueis e as lagrimas ardentes, soffridas e vertidas por Quem foi todo bondade e todo amor. De espaço a espaço, bruxuleavam as luzes dos lampiões prateados, marcando uma estrada luminosa por Deus percorrida.

Na longa fila dos devotos erguiam-se as pallidas velas e todo o conjunto inspirava respeito.

Palpitava ali um culto, um santo culto de dôr e perdão; e eu, que passava indifferente, senti que a crença é um bem, é uma graça divina.

Vaidades, prazeres e desgostos, como tudo é vão!

O cortejo segue vagoroso, espalhando bençãos sobre os crentes. Mas na minha alma triste e maguada nasceu uma tristeza infinda, uma incomprehensivel saudade por tudo quanto é bom, pela minha vida de creança, tão apagada já, e tão desfeita, infelizmente!

Balbuçando uma prece, fitei o doloroso rosto de Deus e o seu santo olhar era todo compaixão e amor.

Foi essa a doce impressão que me ficou do meu dia de hoje.

Zys.

NOTICIARIO

Manoel Joaquim Rodrigues

O dia 4 de abril do anno preterito foi um verdadeiro dia de lucto para o partido regenerador de Ovar. Fallecera esse vulto glorioso da politica vareira; desaparecera do convívio social esse esforçado, dedicado e invencivel campeão das nossas idéas politicas! Ovar em pezo, e não só a politica, sentira a sua falta. E' que o Rodrigues se havia enraizado nos corações mesmo dos inimigos. A sua incommensuravel individualidade havia-se inoculado na alma dos conterraneos a quem, prestes, acudia nos mais criticos momentos da vida.

Por isso todos o choraram; e o prestito funebre que lhe organisou o povo, o seu dedicado amigo, é a prova irrefragavel da grandiosa consideração que gosava e da altissima influencia de que dispunha no nosso meio.

Não vem para aqui reeditar ao illustre morto os merecidos elogios que lhe foram tecidos; mas incontestavelmente vem, porque assim lh'o impõe sacratissimo dever, lembrar os seus amigos pessoas e politicos a sua inolvidavel e sacrosanta memoria.

A Discussão que elle tanto amou em vida não olvidará nunca, apóz

a morte, o anniversario do seu dilecto amigo.

Por isso commemora hoje, com estas singellas mas sentidissimas palavras, o 1.º anniversario da morte d'esse vulto prestigioso e preclaro que se chamou — Manoel Joaquim Rodrigues.

Envenenamento

Nos fins da penultima semana, e já em dia que á nossa reportage se tornava impossivel dar publicidade do caso, chegou ao nosso conhecimento que na vizinha freguezia de Cortegaça se havia dado um caso de envenenamento.

A primeira versão foi que a esse caso estava ligado um crime e bastante hediondo.

A mulher de Manoel da Silva Junior, casado, barbeiro, do Rio, de Cortegaça havia, para mais facilmente dar largas á sua vida de libertinagem, propinado ao marido doses venenosas que haviam tido por epilogo a morte do mesmo. Em consequencia do que corria e em face da participação administrativa, as auctoridades judicias promoveram e fizeram executar a autopsia do infeliz, cujas visceras, nos termos do respectivo regulamento, foram enfrascadas e enviadas ao laboratorio chimico para a analyse toxicologica.

Indagamos do assumpto e ao nosso conhecimento chegou que, a ter havido envenenamento, esse facto se deve attribuir a um suicidio que não a homicidio, embora as deficiencias physicas do morto justificassem qualquer irregularidade e infidelidade domestica.

Na freguezia, porém, e no publico em geral presume-se que o homensinho se foi para melhor vida por causa mui diferente do envenenamento produzido por acção propria ou alheia.

Aguardemos todavia a analyse e exame a que as visceras vão ser submettidas e simultaneamente a investigação administrativa e judicial para depois podermos chegar a uma conclusão logica dos factos.

Bom será, porém, que a repartição technica dê formal desmentido aos boatos a principio propalados que pouco, mui pouco até, satisfatorios são para a mulher do infeliz e rachitico morto.

Abertura das côrtes

Com o costumado cerimonial, abriram-se no dia 3 do corrente as duas casas do Parlamento portuguez. Não vem para os strictos limites de uma noticia apreciar o discurso que o enfermo chefe do governo pôz na bocca do chefe supremo da Nação; sómente diremos que se não fóra o altissimo acatamento pela inviolavel pessoa de Sua Magestade que, segundo o systema constitucional, reina mas não governa, a opposição regeneradora muitissimo teria a esgremir com os pseudo-defensores da monarchia e das regalias parlamentares na discussão da resposta a esse discurso.

Não o fará, porém, não porque o mesmo não seja merecedor de importantissimos reparos, mas por deferencia ao chefe de Estado, dando d'est'arte mais uma vez prova provada de que sabe collocar acima das conveniencias partidarias o respeito pelas instituições que nos regem e pelo poder supremo que as representa.

(*) Não desconheço os dogmas basilares das *religiões modernas* (!) da moral independente; do dever, da honra; a religião *comtista*... mas tudo isto são palavras inventadas pelo orgulho humano que não quer ser humilhado deante das reprehensões da consciencia.

(*) Se este nome, applicado a Ernest Renan, parecer talvez improprio, tenho do meu lado alguns sabios que pensam como eu, quando lhe chamo romancista.

(*) «Nouvelle Vie de Jésus» prefacio, pag. IX, da versão franceza.

Procissão de Passos

Com um formoso dia, effectuou-se no preterito domingo a solemnidade de Passos. Como do costume, houve pelas 7 horas da manhã a visita da Ordem Terceira ás diferentes capellas dos Passos e cêrca das 4 horas da tarde, após o sermão do Pretorio, saiu da egreja parochial o religioso prestito, seguindo com muita ordem o seu itinerario sempre entre alas compactas de povo.

Pelas 6 horas da tarde, depois de recolhida a procissão, teve logar o sermão do Calvario que como o primeiro, foi escutado com agrado geral.

A affluencia de forasteiros foi, como era d'esperar, enorme.

Afóra uns pequenos furtos, cujos auctores se capturaram, não ha felizmente a registrar factos algum discordante occorrido n'aquelle ajuntamento.

Procissão dos Terceiros

Por iniciativa e á custa d'um grupo de cavalheiros que se constituiram em comissão para esse fim, sae hoje de tarde a magestosa procissão de Cinza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco d'esta villa, que, em virtude do mau tempo que fez no dia proprio e no domingo para que fôra transferida, ninguem mais pensou em vê-la este anno nas ruas.

A resolução da comissão só segunda-feira ultima foi communicada ao definitorio da ordem; e como esta, não tendo conhecimento official nos informasse a semana passada negativamente ácerca do boato espalhado de que a procissão sairia n'este periodo quaresmal, foi a razão porque desmentimos esse boato, que de facto, hoje é uma realidade.

Missa

Na egreja de Santo Antonio rezou-se, quinta-feira a missa do setimo dia, pelo eterno descanso do que em vida se chamou Gonçalo Ferreira Dias. Ao acto, que teve logar pelas 7 horas da manhã, assistiram bastantes amigos do extinto e de sua familia.

Foi celebrante o rev. Antonio Maria da Silva, d'Agua Levada.

Pesca

Na semana finda trabalharam com as robaleiras na costa do Furadouro. A pesca, porém, foi pouco abundante.

Récita

Para dia de Paschoa projecta uma troupe d'amadores nossos conterraneos, dar um récita no theatro d'esta villa, em beneficio da Associação de Soccorros Mutuos Ovarense. As peças já estão escolhidas e os ensaios devem principiar amanhã.

Registamos com prazer esta resolução dos sympathicos rapazes, que procurando serem uteis a uma instituição beneficente, proporcionam aos seus patricios agradável distração.

Espectaculos

Tiveram casas repletas os dois espectaculos dados pela companhia dramatica de Caetano Pinto e Abel

d'Andrade no domingo e quinta-feira da semana que passou.

No primeiro, *O Homem das Mangas* teve um desempenho magistral por parte de todos os interpretes, e a plateia vivamente exprimiu o seu agrado com repetidos applausos.

A *mise-en-scene* e scenario tambem foram muito apreciados. A orchestra d'esta vez houve-se muito regularmente, com o que folgamos.

No segundo, a repetição do magnifico drama *João José* não deixou em nada desmerecer as bellas impressões que o publico recebera na primeira representação.

Hoje, em espectáculo de despedida, scbe á scena o drama sacro *A Rainha Santa Izabel*.

A companhia retira na proxima terça-feira.

Certamen musical

As duas philarmonicas d'esta localidade receberam uma circular do Club dos Gallitos d'Aveiro, convidando-as a assistir, caso queiram, a um certamen que n'aquella cidade se realisa no proximo dia 15 de maio entre todas as philarmonicas do districto, á excepção das de Bombeiros Voluntarios d'Aveiro, Santiago de Riba-Ul e Vista Alegre.

A *Boa União* d'aqui annuiu ao convite e a *Ovarense* ainda não se determinou sobre o assumpto mas é de presumir a sua annuencia tambem.

Notas a lapis

Cumprimentamos no dia 1 do corrente n'esta villa, onde vieram de visita á fabrica de conservas *A Varina*, de que são proprietarios, os snrs. Antonio Nogueira, Alvaro de Sá, Diogo Barbot e commandador Agostinho Meneres.

—Continúa guardando o leito a snr.^a D. Luzanira Augusta Dias de Carvalho, tendo-se aggravado a sua doença bastante nos ultimos dias.

—Já se encontra felizmente restabelecido dos seus incommodos o nosso amigo José Luiz da Silva Cerqueira, bemquisto commerciante d'esta praça, e bem assim seu filhinho mais novo.

Estimamos.

—No passado domingo estiveram n'esta villa a assistir á procissão dos Passos, os snrs. Augusto Gomes, Henrique Brandão e genro, dr. Arthur Valente, padre José Rocha, Joaquim Rocha, D. Maria de Lemos, Arnaldo Lemos, Francisco Marques e Carlos Alberto da Costa.

—Tambem esteve quarta-feira aqui o snr. Joaquim Januario d'Oliveira, digno escrivão de fazenda e inspector em comissão ás repartições de fazenda do districto.

—De regresso do Pará, chegou no dia 3 a esta villa o snr. Antonio Soares da Fonseca.

—Vão-se accentuando as melhoras do nosso presado amigo José Augusto Pinto do Amaral.

—Partiu no principio da semana para a capital em companhia de seus tios, afim de se tratar de seus incommodos, o nosso amigo padre Antonio Dias Borges.

Publicações

Maravilhas da Natureza. — Temos presente os fasciculos 241 a 245 d'esta importante obra editada pela Empresa da Historia de Portugal, de Lisboa.

A *Avó*. — Estão em distribuição os fasciculos 16 a 18 d'este famoso romance de Emile Richebourg, edi-

tado pelos snrs. Belem & C.^a, de Lisboa.

Encyclopedia das Familias. — Vem excellentemente collaborado, o n.º 219 d'esta utilissima revista d'educação e recreio, editada pelos snrs. Lucas-Filhos, de Lisboa.

PERDIDAS ?

(Continuação)

E', então, á vista dos destroços do passado da nossa vida de amantes, julgo, que qual outro Paulo perderei a razão e em vez de ter de chorar a morte da minha querida amada, terei que chorar toda a sua perfidia.

A vontade do papá, o galanteio do primo, a pseudo-paixão do D. Juan, o conselho da mamã, a espertera da amiga, a dissimulação dos manos e o teu egoismo e devaneio de mulher, tudo pôde exaltar ou aplacar e dominar e até mesmo n'uma suave transigencia levar-te a lançar-te no caminho opposto que até agora tens vindo jurando.

Mas Octavia ou Julietta, Laura ou Nathercia o meu amor vae commigo sempre puro e irreprehensivel através de todas as vicissitudes da vida, na louca adoração da mulher fatal a quem em seu peito levantei a ara mais santa, mais sagrada da minha fiel dedicação.

Tinha-te como um anjo para quem elevava como a prece mais sentida, como a oração mais fervorosa a linguagem breve, eloquentissima e casta em que um coração apaixonado sabe dizer os pensamentos que lhe tumultuam na mente cheia do fogo que lhe communica a luz esplendorosa que irradia da figura insinuante e querida, que hoje é simplesmente má e perfida.

Agora já te posso dizer que mentiste quando pronunciaste o meu nome; que mentiste quando prometias ter gravado no teu coração para todo o sempre o nosso amor; que mentiste quando juraste nunca esquecer-me.

Perfida, perfida atraçoaste tudo quanto havias promettido e jurado; perfida a tua traição, qual cyclone que açoitasse as amendoeiras floridas arrancára brutalmente as flores do meu pobre coração inexperiente e chego a querer-te odiar e nem sequer te posso esquecer; mulher perdida, escuta o canto d'aquella a quem desgraçaste e se a tua alma ainda se pôde alar aos paramos d'uma nitida comprehensão do que seja a virtude n'aquella que te amou, ama e amará quando o ultimo suspiro de saudade que te enviar n'esse verso de inextinguivel lyrismo:

Só o amor é eterno.

Janeiro, 1905.

Julio Soares.

ARTE CULINARIA

Morue en brandade. — Fazem-se ferver boccados de bacalhau salgado, tira-se-lhes a pelle e esfiam-se em seguida sobre manteiga derretida, mexendo continuamente com uma espatula de madeira e junta-se um pouco de agua e leite para ligar bem o todo.

Desde que comece a ferver junta-se salsa e alho bem picado e se fôr possível alguns filetes d'anchovas, assim como alguns boccados de tubaras bem cosidas. Deixa-se ferver

durante 5 minutos deita-se em guida n'um prato regado com suco de limão. Serve-se muito quente se fôr possível sobre um fogareiro de meza. O azeite d'oliveira de bom gosto pôde substituir manteiga

Sauce pour poisson. — Fica-se muito miudo alho, salsa, cerefolio e chalotas, junta-se 2 gemas d'ovo cosidas em agua e pouco a pouco 4 colheres d'azeite d'oliveira saboroso, 2 colheres de mostarda ingleza em pó, e 2 colheres de vinagre branco. Mistura-se bem e colloca-se o molho frio n'uma taça, ou n'uma molheira.

Geles d'Oranges. — Mistura-se n'uma caçarola de cobre ou de barro vidrado 400 grammas de assucar branco com igual quantidade d'agua e põe-se sobre fogo lento para fazer um xarope que se engrossará juntando-lhe 30 grammas de colla fina de peixe. Cora-se com algumas gotas de carmin cochonilha e junta-se a casca de 2 laranjas.

Espremam-se 12 boas laranjas e 3 limões, tendo cuidado em tirar as pevides e passa-se o sumo por uma peneira ou panno muito fino para o clarificar, depois mistura-se por meio d'uma escumadeira com o xarope que se deitará quente em vasos de vidro, desde que a geleia pareça bastante espessa, isto é, logo que caia em gotas espessas, quando se levanta a escumadeira.

Deixa-se arrefecer e guarda-se como as outras geleias ou doces.

L. Biermann
Director tecnico
da fabrica de conservas alimenticias
«A VARINA»—Ovar.

Annuncios

Agradecimento

Os abaixo assignados, agradecem penhora lissimos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os pelo fallecimento de seu extremoso marido e pae Gonçalo Ferreira Dias, e ás que assistiram ao seu funeral e á missa do setimo dia.

A todas, protestam a sua eterna gratidão.

Ovar, 7 de abril de 1905.

- Maria d'Oliveira Dias
- Rosa d'Oliveira Dias
- Maria Rita d'Oliveira Dias
- Gloria d'Oliveira Dias
- José Maria d'Oliveira Dias (ausente)
- Gonçalo Ferreira Dias Junior
- Manoel Ferreira Dias (ausente)

Venda de predio

Vende-se a propriedade que foi do Bandeira, composta de terra lavradia com poço e engenho e casa d'este, sita no Brejo, d'esta villa.

Para tratar com Eduardo Ferraz.

ARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Novembro de 1904

DO PORTO A OVAR E AVEIRO e vice-versa

	HORAS			Natureza dos comboios
	S. Bento	Ovar	Aveiro	
MANHÃ	12,22	2,16	—	Tramway
	4,35	5,58	6,46	Correio
	7,7	8,53	9,49	Tramway
	10,9	11,57	—	Tramway
	11,1	12,32	1,32	Mixto
TARDE	1,55	3,50	4,41	Mixto
	4,20	—	5,40	Rapido
	4,32	6,36	—	Tramway
	6,7	7,49	8,44	Tramway
	7,55	9,10	9,53	Correio

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	HORAS			Natureza dos comboios
	Aveiro	Ovar	S. Bento	
MANHÃ	5,36	4,53	6,38	Tramway
	9,18	5,57	7,20	Correio
	—	7,30	9,16	Tramway
	9	9,50	11,34	Mixto
	10,15	11,14	1,2	Tramway
TARDE	—	2,25	4,13	Tramway
	4,46	5,53	7,47	Tramway
	—	7,6	8,51	Tramway
	9,19	—	10,40	Rapido
	9,49	10,13	12,14	Correio

Antiga Casa Bertrand

DE JOSE BASTOS

73 e 75 — R. Garrett — 73 e 75

LISBOA

O Rabbi da Galiléa

Sensacional romance popular sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada caderneta semanal, de 2 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos. — 40 réis.

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos. — 200 réis.

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

Faustino da Fonseca

com illustrações

de Manoel Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.^a

108, Rua de S. Roque, 110.

LISBOA

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanais de 24 pag., 60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanais de 16 pag., 40 réis
Tomos mensaes de 80 paginas, 200 réis

Tratado completo de cosinha e copa

por Carlos Bento da Maia

AUCTOR DOS

«Elementos da arte culinaria»

Fasciculo de 16 pag. illustrado 40 réis
Tomo de 80 paginas illustrado 200 réis

PARA CRIANÇAS

Publicação mensal

Collecção de contos publicados sob a direcção da illustre escriptora

D. Anna de Castro Osorio

Cada folheto illustrado 60 réis

Cada volume 400 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

LISBOA

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas . . . 30 réis
Tomo de 80 paginas . . . 150 réis

A empreza offerece, por brinde, uma photographia do proprio assignante ou de pessoa de sua familia em grande formato, proprio para sala.

EMPREZA DO ATLAS

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua da Boa-Vista, 62-1.º

LISBOA

ATLAS

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

DANIEL DEFOE

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS

DE ROBINSON CRUSOE

VERSAO LIVRE DO DR. A. DE SOTTOMAYOR

Cada fasciculo 50 réis

EMPREZA DA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descricao popular das racas humanas e do reino animal, edição portugueza larguissimamente illustrada. 60 réis cada fasciculo mensal e 300 réis cada tomo mensal. Assignatura permanente na sede da empreza.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA D'«O SEculo»

LISBOA

LUIZ DE CAMÕES

Grande romance historico

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

— 2.ª EDIÇÃO —

Illustrada com numerosas gravuras e cuidadosamente revista e ampliada pelo auctor

Uma caderneta por semana . . . 60 réis
Um tomo por mez 300 réis

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

LISBOA

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 paginas . . . 30 réis
Cada tomo 150 réis

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º LISBOA

IN ILLO TEMPORE

— 2.ª EDIÇÃO —

Lentes, estudantes e futricas

(Scenas da vida de Coimbra)

por TRINDADE COELHO

Um grosso volume de luxo
Preço 800 réis — pelo correio 870 réis

LIVRARIA CENTRAL

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

Ultimas publicações

Casal do caruncho. — Contos por Eduardo Perez, 1 volume illustrado com 42 soberbos desenhos de José Leite — 600 réis.

Sem passar a fronteira. — Viagens e digressões pelo interior do paiz, por Alberto Pimentel, 1 volume de 350 paginas — 500 réis.

Tuberculose social. — Critica dos mais evidentes e perniciosos males da nossa sociedade, por Alfredo Gallis.

Ensaio de propaganda e critica, pelo dr. João de Menezes. — L. A nova phase do socialismo, 1 vol. 200 réis.

A giria portugueza. — Esboço de um dictionario de *calão*, por Alberto Braga, com prefacio do dr. Theophilo Braga. — 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.

O sol do Jordão. — Versos por Albino Forjaz de Sampaio. — 1 vol. 200 rs.

A Mulher de Luto. — Processo ruidoso e singular. Poema de Gomes Leal, 500 réis.

A Morte de Christo.
Os Exploradores da Lua, por H. G. Wells. 1 vol. 600 réis.

Arvore do Natal. — Contos para crianças, por Lázarte de Mandonça, 200 réis.

Que é a religião? por Leon Tolstoi, 200 réis.

EDITORES — BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

O AMOR FATAL

Romance historico por D. JULIAN CASTELLANOS

Caderneta semanal de 16 paginas, 20 réis e de 32 paginas, 40 réis.
Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

Empreza da Bibliotheca de Livros Úteis

Rua do Conselheiro Arantes, Pedroso, 25

LISBOA

DICCIONARIO

MEDICINA PRATICA

Cada fasciculo 50 réis